

ARTIGO

Zumbi, o libertador

Um dia, um NEGRO escreveu um tratado ideológico pensando em sua gente, em sua história, em sua cultura, em sua luta pela **Liberdade**. Este negro, chamado Zumbi, de algum lugar distante, fez uma bandeira tremular até hoje em cada consciência de negros, índios, brancos e em outras tantas raças oprimidas que gritavam e ainda gritam por esta bandeira verdadeira em cada momento de sua vida, necessitando liberdade em várias situações existenciais.

No tempo presente vivemos um momento de grande expectativa em que se vê um novo Palmares surgir, porque neste presente estamos derrubando o preconceito do passado, valorizando um caminho para o futuro em nós mesmos, em cada geração que nasce uma nova consciência surge; novos valores de identidade tornam-se verdadeiros com relação a igualdade racial em todos os aspectos. E, assim vai se vivendo, buscando o princípio de humanidade neste país onde vivem mais de 49% de negros vindos como escravos, num dia longínquo e, hoje, lutam pela sua liberdade na condição de homens que ajudaram a construir este país em todos os sentidos.

Aprende-se na escola, na disciplina de Geografia, que estamos afastados da África pelo Oceano Atlântico, mas se analisarmos bem profundamente este aspecto discriminatório, o que na verdade há entre um continente e outro é que estamos mais unidos por laços incrivelmente profundos de uma "ancestralidade" liberta por um pensamento de alta espiritualidade, pela cultura que nos aproxima, pela felicidade de nós existirmos como donos do chão de um lado e de outro, historicamente, iguais em vários aspectos, principalmente quando lutamos pela nossa integridade social e pela "liberdade" de nos livrarmos do opressor político e

econômico. Temos de parar de correr sem rumo, na busca de uma afirmação, e se analisarmos este fato que nos une com o homem de lá, é o NEGRO, que pisou a terra de cá.

Quanta coisa em sua bagagem mental, espiritual, social, cultural e psicológica veio com ele e derramou por toda esta terra, aparentemente desconhecida, que fez com que sua força, sua coragem viesse dar um grito de "liberdade" e ensinar a viver de forma igual e cheio de esperanças em cada lugar que estivermos.

A luta continua com uma força gigante na expectativa de vermos 1.695 ressurgir, ser estudada como uma data expressiva historicamente, em todos os livros didáticos dos vários níveis escolares neste Brasil, que tenta esquecer seus heróis. Essa foi a data em que ZUMBI foi assassinado e não

apenas morreu. Os povos de Guiné Bissau, em África, na língua *Kriol*, quando um herói desaparece da terra, ou quando 'fazem' ele desaparecer, dizem: "CA MURI", e nós, aqui no Brasil, devemos repetir em português — ZUMBI NÃO MORREU. Cada ano sua presença é mais viva, e, vitoriosa é a sua vontade de ver livre o seu povo de uma incompreensão social e histórica sem limites. ZUMBI, o líder de Palmares foi assassinado por tropas do governo no dia 20 de novembro de 1695. Pois essa data representa a "Consciência Negra" em toda a sua luta de afirmação de capacidade e de resistência em vários aspectos no que se refere à sobrevivência de um povo constituído.

Este é o primeiro levante *negro* vitorioso de muitas glórias, formado pelo Quilombo dos Palmares e, através dele, surgem outros quilombos de resistência em diversos rincões do território brasileiro.

P.S. A autora desse artigo recebeu no dia 20 de novembro de 2007, a Comenda Zumbi dos Palmares. O título foi ofertado pela Câmara de Vereadores de Santa Maria.

"Devemos repetir: Zumbi não morreu"

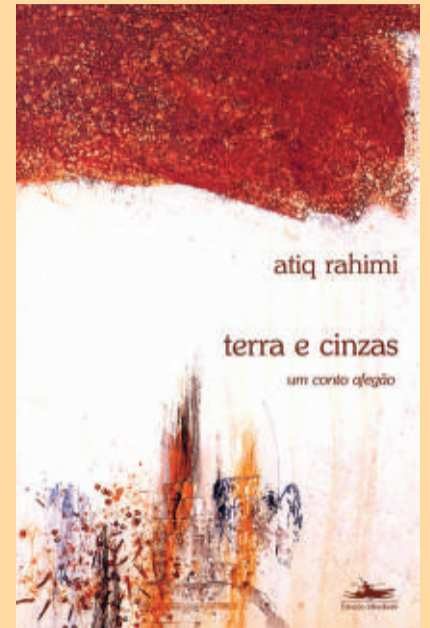


Rhêa Sylvia Frasca Gärtner

Jornalista, pesquisadora e professora aposentada da UFSM

DICA CULTURAL

LIVRO



Livro:
TERRA E CINZAS,
UM CONTO AFEGÃO.
78 páginas

Autor:
Atiq Rahimi
Editora:
Estação Liberdade
Quem leu?
Paulo Roberto Araújo (*)

Enquanto tantos leitores caçam pipas facilmente nas vitrines e estantes estratégicas das livrarias, pode-se encontrar **Terra e Cinzas - um conto afegão**, rastejando-se até a prateleira mais ao rés-do-chão, da estante mais ao fundo. Ou, então, precisa-se encomendá-lo e esperar, exercitando a paciência.

"Terra e Cinzas", de Atiq Rahimi (escritor nascido em Cabul), é quase um conto, como o título sugere, mas que se agiganta à evolução da leitura. Acompanhar aquele avô, com seu neto menino e surdo, atravessando o Afeganistão, para encontrar o filho e dar-lhe a última notícia, numa viagem longa e cheia de dificuldades é uma leitura compensadora. Lembra a de Ana Paúcha atravessando a Espanha, também para visitar o filho, em Ana-Não, de Agustin Gomez-Arcos. Pais viajam a pé e sem descanso, em meio a guerras, ao encontro dos filhos, como se para nascerem outra vez. (* Professor do curso de jornalismo da UFSM)